

# Diretor suspeita que autor do atentado seja servidor

O mais estranho nessa história é que o fabricante do artefato, antes de comunicar o local aos bombeiros - num dos poucos ramais do Senado que não possui Bina - ligou para o comitê de Imprensa e avisou a uma funcionária que uma bomba iria explodir nas imediações, no início do Túnel do Tempo. A funcionária não deu muito importância e nem se lembrou de olhar o número de seu interlocutor, no Bina do Comitê. Afinal, segundo explicou depois, na sexta-feira passada outro funcionário recebera um telefonema semelhante e, ao que parece, não passara de um trote. E essa já era a terceira ou quarta vez, nos últimos 15 anos, que o Senado era interditado por causa de ameaças de bomba.

Só que essa foi a primeira fundamentada, segundo o chefe do serviço de Segurança do Senado, Clailton Zanlorenzi. Para ele, não houve falha da segurança nesse episódio, mas não soube dizer o horário mais provável ou o dia em que o artefato pode ter sido colocado atrás do quadro. Ele admitiu que na véspera, domingo, o Senado estivera aberto à visita pública. Mas, mesmo sem contar com os dispositivos de segurança que detectam aparelhos metálicos, Clailton disse que "a segurança no Senado não vai ser aumentada".

Embora a bomba detonada pela Polícia Federal fosse "artesanal e bem feita", como disse, e municiada com bomba de gás lacrimogêneo - equipamento privativo das Forças Armadas e policiais militares - o chefe da



**O CHEFE do serviço de segurança do Senado, Clailton Zanlorenzi, garante que o atentado não decorreu de uma falha de sua equipe**

segurança do Senado acha que o autor pode ter sido "alguém de dentro da casa". Isso porque, explicou Clailton - ele conhecia bem o local escolhido - "no Túnel do Tempo, perto do comitê de imprensa e das bandeiras dos estados", dissera - e tomara

o cuidado de ligar para um ramal sem Bina.

Os quatro agentes da Polícia Federal, tão silenciosos quanto entraram no Senado, dali saíram, evitando os jornalistas. Para não darem entrevistas, deixaram o prédio por uma porta

não convencional, na Secretaria da Mesa. Um dos agentes apenas resmungou "que não podia dizer nada".

Nem os funcionários ou o chefe da segurança têm idéia do que pode ter provocado o atentado ao Senado. No quadro esco-

lhido pelo autor, apenas um título poderia talvez, justificar sua revolta com aquela Casa: "O aprendizado das elites políticas brasileiras", escreveu o historiador, tentando situar sua exposição sobre o Senado no Império e na República. (Z.A.)